

EVASÃO E REPETÊNCIA NAS 5.^{AS} SÉRIES DO 1.^º GRAU

Lenita Maria Costa de Almeida

Da Delegacia de Ensino de Pindamonhangaba, Vale do Paraíba, SP.



INTRODUÇÃO

Assim que assumimos nossos trabalhos de monitoria de Língua Portuguesa, na Delegacia de Ensino de Pindamonhangaba, em 28 de setembro de 1984, encontramos vários projetos em andamento, entre eles o da "Integração da Escola de 8 Anos". Sabia-se que um dos pontos de estrangulamento da almejada seqüência é o elevado índice de evasão e repetência na 5.^a série. Procurava-se uma razão técnica que justificasse tais fatos. Em vão. Não havia quebra ou impropriedade seqüencial com referência a conteúdos. Isto fora debatido e verificado. Nessa linha de pensamento ocorreu-nos então pesquisar o ponto de vista do aluno, contado por ele mesmo. Afinal, pensamos, quem sai da escola é ele. . .

Entretanto, não desejávamos a formulação de questionários, com resposta tipo *sim* ou *não*, o que favoreceria, sem dúvida, a tabulação da frieza estatística. Queríamos mais. Algo efetivo. Queríamos os "porquês".

As alegrias. As esperanças. As dificuldades. As frustrações. O relacionamento com a nova realidade. E isto só seria possível através de um texto livre, descompromissado, autêntico, que nos permitisse haurir do aluno, a sua verdade.

A época mostrou-se oportuna: o último mês de provas, excepcionalmente adequado para o tipo de avaliação pretendida. Foram aproveitados então os encontros pedagógicos programados, oportunidade única de se contatar os professores, de 4.^a e 5.^a séries atuando na rede — Projeto "Integração" — para o fim proposto. Em suma, solicitávamos dos alunos de 4.^a série, quais as suas expectativas com relação à 5.^a série. E dos alunos de 5.^a série, como haviam vivenciado essa experiência. O instrumento usado seria um texto, produzido com esse objetivo.

À medida em que as leituras das redações recebidas se processavam, foram abertas "categorias", totalizando quinze itens, a partir do que emergia dos próprios alunos. Nenhuma evidência foi desprezada.

O texto — debatido e preparado conforme instruções dadas aos professores — foi fruto de reflexão. Os alunos escreveram livremente, aflorando pontos em comum e outros diversificados. Outros ainda aleatórios, com fuga do tema.

Num esforço para captar o clima dominante em cada situação, valemo-nos da análise qualitativa e percepção próprias de quem tem acesso ao texto por inteiro, tentando-se penetrar no que de acerto se pode extrair em tais circunstâncias.

CONDUTA

Foram fornecidas instruções aos professores de 4ª série, no sentido de que conversassem e debatessem com seus alunos sobre suas expectativas quanto à 5ª série, com o cuidado de não opinar. Deveriam solicitar em seguida, que produzissem um texto a respeito, com bastante liberdade, o que deveria ser feito em classe, em uma aula. O mesmo procedimento foi recomendado aos professores de 5ª série, onde os alunos colocariam sua experiência nesse ano.

Pedi-se que os textos não fossem corrigidos e que seria permitido ofertar ao aluno um ponto positivo ou outro reforço, a critério do professor.

Ficou estabelecido que seriam recolhidas as 10 primeiras provas a serem entregues — masculinas — e as 10 femininas, em separado. Esses alunos receberiam seus conceitos gerais, tipo Bom, Médio, etc. As provas, devidamente separadas, deveriam juntar-se às demais e colocadas em um envelope endereçado à monitoria de Língua Portuguesa, na DAE de Pindamonhangaba.

Em todas as provas deveria constar: idade do aluno, sexo, repetência, série e período. Juntamente com as provas, solicitou-se ainda o envio de perfil sócio-econômico da comunidade escolar.

Foi estabelecido um prazo de 30 dias para a entrega dos trabalhos. Deu-se conhecimento a todos de que a presente consulta abrangeria os 4 municípios integrantes da Delegacia de Ensino: Pindamonhangaba, São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal.

Os textos foram solicitados para 46 escolas sendo que 37 responderam. O número de alunos pesquisados de 4ª e 5ª séries foi 817, sendo 382 meninos e 436 meninas. Destes 62 e 66, respectivamente, responderam, sendo levantadas 15 categorias e documentadas 227 citações.

CATEGORIAS — Apresentação

O primeiro resultado desta pesquisa foi o levantamento de quinze categorias referentes a pontos críticos que interagem com a clientela no ambiente escolar. Essas posições emergiram da leitura complexa dos textos, a partir de suas projeções. São elas:

- Nível de expectativa quanto à 5ª série
- Nível de expectativa quanto aos novos professores
- Presença do professor primário
- Número de professores — aulas de 40/45/50 minutos
- Atitude comportamental dos professores — humores

- Mudança de professores — faltas
- Variação de disciplinas
- Distribuição de tarefas e provas — disponibilidade de tempo
- Relações emocionais ligadas à escola
- Relacionamento social
- Direção — disciplina em classe — vandalismo — conservação do prédio
- Recreio — merenda
- Preconceito — repetentes e discriminados socialmente
- Objetivo do estudo
- Evasão e repetência

As citações textuais dos alunos foram agrupadas e transcritas nas respectivas categorias, como elemento ilustrativo e comprobatório. Foi preservada a identidade do aluno, designado por "sujeito n.º . . .".

Cada item foi considerado para as áreas:

- 01 — Cidades Serranas (São Bento do Sapucaí, Campos do Jordão e Santo Antonio do Pinhal)
- 02 — Pindamonhangaba — Centro
- 03 — Pindamonhangaba — Periferia

O conjunto das categorias com respectivas citações está apresentado em separata. Os originais acham-se arquivados na Delegacia de Ensino de Pindamonhangaba, sob responsabilidade da autora.

RESULTADOS

Foi observado que o nível de expectativa da criança com relação à 5ª série é de um otimismo pueril, principalmente nas comunidades menores. A 5ª série é cerca de certa magia, de fantasias acalentadas durante as férias, como se fosse um pulo para uma embarcação num mundo novo:

"A 5ª série para mim é uma luz que ilumina o caminho de qualquer pessoa que passa da 4ª para a 5ª série."

(Suj. 200 — M. 10a. 4ª s.) — *Pindamonhangaba*

Mas o pessimismo e a ansiedade também foram constatados, dependendo da comunidade escolar ou social. A realidade normalmente contraria as premissas, mas, a rigor, depois de algum tempo os alunos acham a 5ª série difícil e complicada. A criança passa a enfrentar um longo período de adaptação, que vai de dois meses a todo um ano, onde, não raro, a repetência é o preço pago pela novidade.

"Na 1ª vez a gente não tinha conhecimento das matérias (. . .). Como eu repeti a 5ª, não liguei muito (. . .) ao voltar para a 5ª já sabia lidar com as matérias."

(Suj. 24 — F. 16a. repetente.) — *Campos do Jordão*

Evidenciou-se que a preocupação maior com os novos professores, além da competência e espírito de justiça, é que sejam calmos, amigos, compreensivos. Alguns professores são rotulados antecipadamente de *ruins* ou *bravos* e ligados a essa imagem, as respectivas disciplinas já ficam também sob suspeita.

"Os professores devem ser *ruins* e eu tenho muito *medo*, lá a aula é muito *difícil*, as matérias são difíceis e é complicada."

(Suj. 215 — F. 13a. 4^{as}.) — *Pindamonhangaba*

A afetividade aqui exerce função primordial. A criança ainda muito presa ao professor primário, torna-se ansiosa. Promete ser comportada e estudiosa como elemento de barganha, para não cair em desagrado. Foram observadas freqüentes manifestações de carinho pela antiga professora primária, sendo sua imagem cultivada como padrão ideal.

Foi verificado que o número de professores e a curta duração das aulas (40 — 45 — 50') se constituem num dado marcante em quase todos os textos pesquisados. Com informações desencontradas de primos, colegas, irmãos e até mesmo de professores, os fatos seriam cômicos, não fosse a seriedade do assunto:

"Na 5^a série eu acho que vai ser muito legal, apesar que vai ser muito rápido até uma trapalhão porque é uma trocação de professores toda hora."

(Suj. 62 — M. 4^{as}.) — *Campos do Jordão*

Entre sensações de espanto, curiosidade e ansiedade, notou-se que esses fatores desnor-teiam a cabeça das crianças, que se tornam angustiadas. Essa dinâmica as surpreende e confunde. Durante um bom período, têm seu peso para o fracasso escolar. Foi constatado que fazer as tarefas dentro do *timing*, ou seja, nos limites do tempo estipulado, é um condicionamento de conquista lenta e sofrida — mais um elemento de pressão.

Ainda dentro do quadro afetivo, verificou-se que as crianças condenam as atitudes grosseiras, o trato pessoal e custam a entender as diferentes personalidades dos diversos professores. Sentem na pele a própria fragilidade e tentam uma forma de equilíbrio. A constante troca de professores foi considerada uma agravante para esse quadro, bem como os professores faltosos.

"Na *Matemática* nós tivemos *quatro* professores, cada um deles explicava totalmente diferente, agora estou aprendendo os exercícios porque *ficou um só* e não *um punhado*."

(Suj. 124 — F.13a. 5^{as}.) — *Pindamonhangaba*

Quanto à variação de disciplinas, quase todas merecem destaque sobre sua preferência ou aversão. O Inglês é citado em nível ligeiramente superior à Matemática na projeção das dificuldades, embora, com o correr do tempo, essas posições se alterem. Nota-se, convém ainda uma vez frisar, a influência direta exercida pelo professor ligado à matéria ou disciplina, no sentido positivo ou negativo.

Destacam-se, também com certo vigor, as dificuldades encontradas em História e Geografia, em face de confusão com Estudos Sociais ou simplesmente pela dificuldade da matéria em si.

No tocante ao Português, foram destacadas ponderadas colocações:

"Português é uma matéria muito importante e culta, mas acho que aqueles que

acham dificuldade nesta matéria, que o professor não os obrigue a falar a sua linguagem e sim a dele que já está acostumados, com a linguagem de sua própria família."

(Suj. 224 — F.11a.5^{as}.) — *Pindamonhangaba*

O recreio torna-se pequeno para o exercício da comunicação. Ficou evidenciado a necessidade de trocas afetivas por parte dos alunos pela valorização do convívio social, não só com os colegas de classe, mas com toda a comunidade escolar.

" — Eles (os professores) não vão ter tempo de conversar com nós porque tem muitos alunos (. . .) e porque eles dão aulas em bastante lugares."

(Suj. 214 — M. 14a. — 4^{as}.) — *Pindamonhangaba*

Pôde-se constatar que, quando um determinado problema existe na escola, ele emerge com força em todas as redações, quer envolvendo dificuldade em alguma matéria, professores, direção, merenda, disciplina interna ou ainda conservação do prédio. Na verdade, evidenciou-se que o aluno *vive* a escola. Se realiza também quando participa da política estudantil.

"Eu na escola também participei de uma vida política. Fui o presidente da chapa verde, a qual perdemos, mas com muita garra."

(Suj. 26 — M. 5^{as}.) — *Campos do Jordão*

Onde existe a predominância da clientela de classe baixa, esta mostrou-se capaz de posicionamento firmes: estuda com objetivo definido, como "para arranjar um bom emprego", "para ser alguém na vida", "para o futuro".

"Enfrentarei as dificuldades que encontrar com otimismo e segurança, pois quero *vencer na vida* e um dia ser *manequim*."

(Suj. 3 — F. 11a. 4^{as}.) — *São Bento do Sapucaí*

Essa faixa valoriza a educação, que interpreta como o único agente modificador, para o seu caso. Foi notada ainda muita emoção ligada à escola. A criança vibra quando ela é bonita e bem cuidada e ataca a direção em caso contrário. Tensões foram registradas em função de notas, promoção ou repetência, bem como problemas de afetividade envolvendo colegas ou professores. Dentro dos mesmos parâmetros, a classe média, minoritária, não assume posicionamentos significativos, sendo a maioria dos textos vasados em falas irônicas, incrédulas ou inconsistentes.

"Nunca gostei de estudar. Quando estudava de tarde perdia as melhores 4 horas do dia. Quando estudava cedo, tinha que dormir cedo. Agora que estudo no vespertino, só há um problema: o sol nos olhos."

(Suj. 66 — M. 11a. 5^{as}.) — *Pindamonhangaba*

Foi mencionando, com insistência, o problema referente à distribuição de tarefas e provas, que são propostas pelos professores sem uma visão de conjunto, on-

de se ignora a atuação dos demais.

" Os professores dão a matéria no mesmo dia que os outros professores dão e nem ligam se o outro professor deu tarefa naquele dia."

(Suj. 220 — F. repetente — 13a. 5ªs.)

— Pindamonhangaba

Foi verificada que a sobrecarga de trabalho contribui para o baixo rendimento das crianças que se sentem *impotentes* e *injustiçadas*. Algumas preocupam-se realmente e sofrem distúrbios nervosos.

Ficou demonstrada a existência de preconceito e discriminação em algumas situações. Os *repetentes* são mal vistos pelos próprios colegas, que tendem a marginalizá-los. Alguns professores evitam o convívio com os mais necessitados. O carente percebe seu lugar e ele próprio tende a segregar-se:

"Eu quero o ano que vem estudar a tarde e não de manhã, porque a turma da manhã é tudo filhinho de papai, e eu não sou."

(Suj. 61 — F. 4ªs.) — Campos do Jordão

Num agrupamento de quatro escolas, relativamente próximas umas das outras e com clientela mais ou menos semelhante, foram anotadas diferenças marcantes no trato dessa pesquisa. Na escola "A" foi registrada uma atitude de equilíbrio; na escola "B", bom senso e maturidade; na escola "C", revolta e vandalismo; e na escola "D", espírito crítico e discernimento. Questiona-se: seria a predominância de certo tipo de orientação administrativa-pedagógica em cada estabelecimento? Seria a própria percepção do aluno, respondendo às variáveis mais presentes que o atingem?

Em outras duas escolas também próximas entre si e com semelhança de clientela, foram registradas condutas opostas, com relação ao *medo* (da 5ª série), mais presente nos textos da área urbana. Na escola "E" foi evidenciada a presença de ansiedade e insegurança, em níveis acentuados. Na escola "F", a autoconfiança e a tranqüilidade emergiam de cada linha.

Nas duas escolas noturnas que participaram da pesquisa, surgiram problemas semelhantes às outras, com ênfase na questão social.

Com referência à categoria evasão e repetência, foram identificadas *razões sociais*, ou seja, problemas fora da escola; dificuldades de *adaptação geral*, onde se inclui toda a dinâmica de que é composta a estrutura da 5ª série; *dificuldades específicas*, ligadas normalmente a não superação de alguma matéria. Como já ficou demonstrado, Inglês e Matemática lideram, sem tornar excluídos, as demais disciplinas. Foi verificado que, no curso diurno, o aluno sai da escola *para trabalhar* e no noturno ele sai *porque trabalha* (razões sociais). A repetência de vários anos — registrou-se de 3 a 6 anos na 5ª série, é um fator de evasão. A *indisciplina* na sala de aula, aliada às dificuldades específicas na aprendizagem, foram anotados como componentes que induzem à evasão e repetência.

Foi observado que as colocações dos alunos repetentes denotam reflexão, com travesseiro de amargura.

" A 5ª série era muito diferente porque não tinha um só professor, mas tinha oito

(. . .) Eu me senti muita dificuldade no começo. Agora estou fazendo de tudo para melhorar minhas notas. *Porque eu senti como foi duro eu ter sido reprovado.*"

(Suj. 221 — M. 16a. repetente 5ª s.) —

Pindamonhangaba

CONCLUSÕES

Após o levantamento e tabulações das categorias, não seria descabido inferir que ser promovido para a 5ª série é uma grande aventura.

Do conjunto de fatores observados, fica muito claro que o nível de desinformação é alarmante. Constatou-se que entre os próprios professores, um não tem noção do trabalho do outro. Essa desintegração é percebida e sentida pela criança, passiva dentro do processo — pela condição de dominada — mas que ainda assim tenta mostrar o seu ângulo:

" O professor tem como obrigação chamar a atenção do aluno, e *explicar* para ele como vai ser a 5ª série, quais as matérias novas que ele vai encontrar pela frente; pois isso se chama o alcance de uma carreira, que o aluno nunca mais vai esquecer o dia que ouvir do seu amigo."

(Suj. 219 — F. 15a. repetente 5ªs.) — São

Bento do Sapucaí

A pluralidade de professores com diferentes tendências de comportamento, ao lado da exiguidade dos horários e variedade de disciplinas, foram constatados, sem qualquer sombra de dúvida, como extremamente influentes no período de adaptação.

"Mas quando cheguei e que de quarenta em quarenta minutos entrava um professor, *leve* um grande susto e comecei a *sentir medo.*"

(Suj. 12 — M. 15a.) — Santo Antonio

do Pinhal

De surpresa em surpresa a criança vai se ajustando como pode. Sente saudade da professora primária. O medo a impede de esclarecer dúvidas. Na dúvida, ela nutre sentimentos autopunitivos.

"Já estou fazendo pela 2ª vez a 5ª série. Compreendi que fui muito *sem responsabilidade*, mas foi isso porque não entendia a matéria e fui prejudicada, *o professor de Matemática era diferente para ensinar*, já não era como na 4ª série."

(Suj. 29 — F. 15a. repetente 5ªs.) — Campos do Jordão

do Jordão

"Na 5ª série no começo do ano eu não fazia bagunça, não ia ao banheiro quando estava assistindo aula porque *tinha medo* dos professores me xingarem e abaixar minha nota."

(Suj. 69 — M. 12a. 5ªs.) — São Bento

do Sapucaí

A *indisciplina em classe* foi destacada como sério problema, pela insistência da abordagem, predominante em alguns estabelecimentos.

Mas, afinal, a classe docente não é composta de monstros. As manifestações de reconhecimento, gratidão e afeto aos professores, registram-se às dezenas, em grande parte pelos alunos estabilizados — os "aprovados".

"Eu gosto das professoras porque elas são meigas, delicadas, educadas e inteligentes."

(Suj. 151 — F. 12a. 5ªs.) — *Pindamonhangaba*

Ficou constatado que numa sala de aula lotada, mal dá para que se fixem os semblantes. Os alunos até podem compreender isto:

"Eu também acho que os professores não vão ligar para mim porque são muitos alunos."

(Suj. 213 — F. 10a. 4ªs.) — *Pindamonhangaba*

Se o professor não sabe o nome dos alunos, estes também não sabem o nome do professor. O discutível tratamento intimista de "tia" ou "dona" ou "sor", despersonaliza o mestre, mas é a saída do momento¹. Fica transparente nesse conjunto, a interferência do aspecto funcional no pedagógico. E isto, numa fase de transição em que a parte afetiva prepondera na criança, o emocional se altera em função da pré-adolescência.

E a criança precisa adaptar-se. Ou desistir. De qualquer forma, a violência está presente. Quando se compra um sapato apertado e o vendedor diz que laceia, está mentindo. O pé é que se arrebenta para assentar na forma incômoda. Foi essa a visão que ficou. Bem ao gosto de Erich Fromm, os que se adaptam a situações adversas são na verdade os não-autênticos, os que conseguem sufocar a própria natureza, amalgamando-se para sobreviver. Em ambos os casos a criança é a grande perdedora e por extensão, a sociedade como um todo.

Ainda uma vez inferindo, o ponto de ruptura entre a 4ª e 5ª série pode estar no trato psicológico e afetivo, cobrado pelas crianças, e que precede o fator estrutural, mas intimamente ligado à situação funcional do professor — sobejamente conhecida — interferindo diretamente no seu desempenho enquanto educador. A evasão e a repetência foram percebidas como culminância das quinze categorias levantadas, cujas situações-problema, agindo em cascata, pressionam alunos e professores. Ambos, agentes e pacientes do mesmo processo, vêm tentando minimizar seus efeitos usando até aqui, a fórmula universal do "Deus me ajude".



¹ Maria Eliane Novaes discute o assunto em "Professor não é parente posição" na revista *Ande*, ano 1, nº 4, 1982. p.60